

A ciência da lógica de Hegel como chave para uma leitura filosófica da história da filosofia

Hegel's science of logic as a key to a philosophical reading of the history of philosophy

Carlo Paim Peralta

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Resumo

Na Ciência da Lógica Hegel apresenta a sua lógica especulativa, o sistema de categorias através do qual o pensamento pensa a si mesmo. Ao desenvolver as categorias uma a partir da outra o pensamento se movimenta imanentemente, sem perder a sua unidade. A justificação da filosofia só pode ser alcançada no seu próprio interior, e ao alcançar a Ideia Absoluta, a categoria final, com a qual o pensamento se expressa verdadeiramente, ele alcançaria a circularidade capaz de proporcionar esta autojustificação. Mas tal circularidade não parece ser suficiente para lidar com o ceticismo despertado pela perplexidade frente à diversidade de sistemas filosóficos. Hegel propôs, então, uma filosofia da história da filosofia segundo a qual a verdade alcançada pela lógica especulativa se manifestaria na história, convertendo-a em um argumento favorável, e não contrário, à verdade da sua filosofia.

Palavras-chave: Hegel; Ciência da Lógica; História da Filosofia; Justificação; Metafísica.

Abstract

In the Science of Logic Hegel presents his speculative logic, the system of categories through which thought thinks itself. By developing the categories one from the other, thought moves immanently, without losing its unity. The justification of philosophy can only be reached within its own interior, and by reaching the Absolute Idea, the final category, with which thought truly expresses itself, it would reach the circularity capable of providing this self-justification. But such circularity does not seem to be enough to deal with the skepticism aroused by the perplexity faced with the diversity of philosophical systems. Hegel then proposed a philosophy of the history of philosophy according to which the truth reached by speculative logic would manifest itself in history, converting it into an argument in favor of, and not against, the truth of his philosophy.

Keyword: Hegel; Science of Logic; History of Philosophy; Justification; Metaphysics.

Informações do artigo

Submetido em 15/06/2023

Aprovado em 05/01/2024

Publicado em 15/01/2024.



<https://doi.org/10.25247/P1982-999X.2024.v24n1.p36-47>



Esta obra está licenciada sob uma licença
Creative Commons CC BY 4.0

Como ser citado (modelo ABNT)

PERALTA, Carlo Paim. A ciência da lógica de Hegel como chave para uma leitura filosófica da história da filosofia. *Ágora Filosófica*, Recife, v. 24, n. 1, p. 36-47, jan./abr. 2024.

1 INTRODUÇÃO

A lógica especulativa apresentada na *Ciência da Lógica* de Hegel pode ser compreendida como o sistema das categorias, as determinações com as quais o pensamento pensa a si mesmo, isto é, busca se expressar verdadeiramente através delas e alcançar, assim, concordância consigo mesmo ou autocoerência. Tais categorias são extraídas da linguagem e concebidas como um produto do pensamento puro, mas que não se opõe à objetividade. Desenvolvendo-as uma a partir da outra – através dos três momentos de todo lógico-real, o abstrato, o dialético e o especulativo –, o pensamento se movimenta imanentemente, sem perder a sua unidade. Assim Hegel pretendeu ter inaugurado uma nova lógica, que contenha tanto a lógica quanto a metafísica anterior.

Ao final da lógica especulativa se alcança a Ideia absoluta, a categoria através da qual o pensamento vem a se expressar verdadeiramente. Desta forma o pensar filosófico satisfaz um requisito básico que lhe era imposto, o de que a sua justificação emerja do seu próprio interior, que ele se autojustifique:

Esse pensar [que é o] da maneira filosófica de conhecer precisa, ele mesmo, tanto ser apreendido segundo sua necessidade como também de ser justificado por sua capacidade de conhecer os objetos absolutos. Mas uma tal intelecção é, ela mesma, um conhecer filosófico, portanto, só incide no interior da filosofia.¹

A validação da Filosofia só pode ser alcançada em seu próprio interior, e é devido à sua circularidade, seu recurvar-se sobre si mesma, que na *Lógica* este requisito básico é cumprido. Mas, embora ela assim alcance a totalidade de sua forma, a circularidade parece não ser suficiente para lidar com um tipo de ceticismo despertado pela diversidade de sistemas filosóficos: pode seguir havendo “quem se permita justificar o desprezo [que tem] dela [da filosofia] pelo motivo que há tão diversas filosofias, e cada qual é apenas *uma* filosofia, não a filosofia”².

¹ HEGEL, Enc. v. 1, p. 49 (§ 10).

² Ibid., p. 54-55 (§ 13).

2 A CIÊNCIA DA LÓGICA E A DEMANDA POR UMA CONSIDERAÇÃO FILOSÓFICA DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA

Para responder adequadamente a este ceticismo não basta que a Filosofia apenas forneça sua própria justificação, mas se impõe que ela satisfaça um segundo requisito, a saber, que ela esteja de acordo com a efetividade e a experiência, que são “a pedra de toque, ao menos exterior, da verdade de uma filosofia”:

De outro lado, é igualmente importante que a filosofia esteja consciente de que seu conteúdo não é outro que o conteúdo originariamente produzido – e produzindo – no âmbito do espírito vivo, e constituído em *mundo*, exterior e interior da consciência; que o conteúdo da filosofia é a *efetividade*. Chamamos *experiência* a consciência mais próxima desse conteúdo. [...] [É] necessária sua concordância [i.e., da filosofia] com a efetividade e a experiência; e mesmo essa concordância pode-se considerar como uma pedra de toque, ao menos exterior, da verdade de uma filosofia; assim como é para se considerar como o fim último e supremo da ciência o suscitar, pelo conhecimento dessa concordância, a reconciliação da razão consciente-de-si com a razão *essente* com a efetividade.³

A experiência não é o início [*Anfang*] propriamente dito da Filosofia, mas o “ponto de partida”⁴ sobre o qual se elevou em seu desenvolvimento histórico; agora, porém, ela deve novamente se relacionar com a temporalidade e a historicidade para satisfazer a demanda por concordância com a experiência. A consideração filosófica do desenvolvimento da própria filosofia ao longo da história se faz relevante, portanto, para a satisfação deste segundo requisito.⁵ Há, entretanto, um dilema inerente à ideia mesma de *história de uma ciência*, e que é especialmente perceptível na filosofia, enquanto as ciências particulares não o enfrentam de maneira tão aguda, pois

uma grande, talvez a maior, parte da história [das ciências particulares] se relaciona ao que foi provado como permanente, de forma que o que é novo não foi uma alteração nas aquisições anteriores, mas uma adição a elas. Estas ciências progredem através de um processo de justaposição. (...) Então, para pegar um exemplo, a geometria elementar, enquanto criada por

³ Ibid., p. 44 (§ 6).

⁴ Ibid., p. 51 (§ 12).

⁵ Sobre estes dois requisitos, que K. Thompson chama de prova especulativa e prova experimental, respectivamente, cf. Thompson, 2003.

Euclides, pode de seu tempo em diante ser considerada como não tendo mais história.

A história da filosofia, por outro lado, mostra não a estaticidade de um conteúdo completo e simples, nem de modo geral o movimento progressivo de uma adição pacífica de novos tesouros àqueles já adquiridos. Parece meramente proporcionar o espetáculo de mudanças sempre recorrentes no todo, tal que finalmente não são mesmo conectadas por uma meta comum.⁶

A História da Filosofia lida diretamente com o dilema que suscita a dúvida cética: como conciliar a verdade, que é atemporal e única em sua validade eterna, com a Filosofia, que emerge de uma história marcada pela diversidade de sistemas discordantes, quando não antagônicos? Caso um filósofo julgue ter com o seu sistema inaugurado a cientificidade da Filosofia, descartando os concorrentes como arbitrariedades a serem localizados na pré-história desta ciência, o que garante que o mesmo não vai também logo suceder com o seu?

A perspectiva cética consiste justamente na pressuposição de que esta conciliação entre Filosofia e Verdade é impossível, de que os sucessivos sistemas filosóficos e seus respectivos princípios não passam de arbitrariedades e de que a História da Filosofia se resume a um agregado de fatos dispersos. Mas a ideia mesma de uma história pressupõe que determinados eventos sejam selecionados e registrados por serem historicamente relevantes. E, para que esta relevância seja inteligível, há de se pressupor que, subjacente à aparente arbitrariedade com que as posições se sucedem no tempo, seja discernível um nexos argumentativo, um sentido global da história ao qual os eventos devem fazer referência para que sejam relevantes. Inclusive o cético que adere à ideia de que a história não tenha um sentido global há de tê-lo feito por considerar esta ideia como superior, um avanço, e esta adesão configuraria, portanto, um evento relevante, marca de um progresso na história do pensar que afirmaria, ao invés de negar, o seu sentido global.⁷

Estes e outros problemas foram percebidos por Hegel, que ministrou diversos cursos sobre a história da filosofia, sendo o primeiro em 1805, ainda em

⁶ Hegel, HF, v. 1, p. 9-10.

⁷ Ao não admitir qualquer sentido global da história a leitura cética desemboca “na paradoxal visão de uma história sem tempo ou na presença desconfortável e enigmática de uma pseudotemporalidade suspensa em uma pseudonarrativa (pseudo-história). De fato, não pode haver história sem sucessão de eventos, e não pode haver sucessão de eventos na ausência de qualquer relação entre eles.” (Luft, 2019)

Jena, mas o fez com regularidade apenas a partir de 1819, em Berlim, tendo sido interrompido em meio ao seu último curso devido à sua morte abrupta em 1831. Como no início do séc. XIX a história da filosofia não era reconhecida como uma disciplina independente, mas abordada de maneira restrita como uma introdução geral à filosofia ou à lógica, Hegel iniciava seus cursos sobre o tema, que posteriormente viriam a ser reunidos por alunos sob os textos que ficaram conhecidos como *Preleções Sobre a História da Filosofia*,⁸ com uma introdução que justificasse esta nova disciplina.

3 A HISTÓRIA DA FILOSOFIA SEGUNDO A INTRODUÇÃO ÀS PRELEÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DA FILOSOFIA

Na introdução às suas *Preleções* Hegel nos alerta que, sobre a diversidade de filosofias, “o conhecimento filosófico de o que tanto a verdade quanto a filosofia são nos permite saber esta diversidade mesma em um sentido totalmente diferente daquele que opõe abstratamente verdade e falsidade”.⁹ A filosofia tem por objetivo o conhecimento da verdade, e, embora se tenha certa razão ao reconhecê-la como atemporal e única, ela é abstrata e sem conteúdo quando tomada como apenas um pensamento válido, mas que pouco tem a ver com a realidade.

Se a verdade é abstrata ela deve ser falsa. A sã razão humana busca o concreto; a reflexão do entendimento é teoria abstrata, correta apenas em teoria e, entre outras coisas, não prática. A filosofia é antagônica à abstração e retorna ao concreto.¹⁰

Para ser propriamente especulativa, a verdade não deve ser entendida como estática enquanto abstratamente oposta à falsidade, mas deve ser concreta, o que implica “diferenciação dentro de si e, portanto, como desenvolvimento, ela leva dentro de si a existência e a exterioridade no elemento do pensar; deste modo a Filosofia pura aparece no pensar como uma existência

⁸ As *Preleções Sobre a História da Filosofia* de Hegel foram publicadas após o seu falecimento por Karl Ludwig Michelet, um de seus pupilos. Resulta da reunião de uma variedade de fontes, sendo o primeiro curso, ministrado em Jena, o esqueleto do texto – pois foi o único curso que Hegel redigiu integralmente, provavelmente com intenção de publicá-lo futuramente – ao qual também foram adicionadas uma série de notas avulsas e anotações de alunos. A partir de agora, nos referiremos a elas como *Preleções*.

⁹ Hegel, HF, v. 1, p. 18.

¹⁰ *Ibid.*, p. 24.

progressiva no tempo.”¹¹ Neste ponto Hegel nos remete à sua *metafísica do tempo*¹² em que, enquanto é característico da natureza ser o que é, isto é, nela a mudança é o traçar movimentos circulares em que só há a iteração sempre do mesmo, a característica do espírito é ser atividade, e, mais especificamente, sua atividade de conhecer a si mesmo. Ao torna-se consciente de si mesmo o espírito se diferencia da sua existência, a põe como externa a si – e “uma das formas de externalidade é o tempo”¹³ –, e traz a verdade à concreção neste instituir a si mesmo como externo na história.

É com a Filosofia que se alcança o “*pensar consciente-de-si*”, que conhece o conceito “em que o diverso no conteúdo é conhecido como necessário, e esse necessário como livre”¹⁴. Na progressão da Filosofia na esfera temporal a verdade é inicialmente mais implícita e abstrata – e, portanto, mais falsa –, e é através do seu desenvolvimento, em que se relaciona com a falsidade, que é totalmente explicitada e concretizada. Não mais estática, a “verdade é, pelo contrário, movimento, um processo em que há, entretanto, repouso; diferença, enquanto ela existe, é uma condição temporária, através da qual se produz a unidade total e concreta”¹⁵. A História da Filosofia não é, assim, uma mera Introdução Geral à Filosofia, mas é a reminiscência dos momentos deste desenvolvimento; e este, por sua vez, é uma etapa necessária para a realização da Ideia, que é a totalidade completa e a verdade das múltiplas filosofias. “Pensar que não é a casualidade que governa os assuntos humanos supõe uma fé racional; e é a missão da filosofia reconhecer que embora suas próprias manifestações possam ter um caráter histórico, são apenas determinadas pela Ideia”.¹⁶ O interesse na história da filosofia é despertado por esta “suposição de que o que toma lugar deste lado, no mundo, se faz em conformidade com a razão”¹⁷, portanto é a partir do ponto de vista privilegiado da Filosofia Sistemática que alcançou finalmente o conceito de verdade e o próprio conceito de filosofia que se pode abordar apropriadamente a História da

¹¹ Ibid., p. 33.

¹² Ibid.

¹³ Ibid., p. 53

¹⁴ Hegel, Enc. v. 3, p. 351 (§572).

¹⁵ Hegel, HF, v. 1, p. 25.

¹⁶ Ibid., p. 31.

¹⁷ Ibid., p. 35.

Filosofia e discernir o material historicamente relevante para narrar o seu desenvolvimento. Assim

a filosofia tem, decerto, a ver-se coma *unidade* em geral, não, porém com a unidade abstrata, com a mera identidade e com o Absoluto vazio, mas com a unidade *concreta* (o conceito), e que em todo o seu curso só tem que ver-se com essa unidade – cada degrau de sua marcha para a frente é uma *determinação peculiar* dessa *unidade* concreta; e a mais profunda e última das determinações da unidade é a do espírito absoluto.¹⁸

Sob esta perspectiva a História da Filosofia é entendida como o processo de formação da razão, e as diversas posições filosóficas passam a ser compreendidas enquanto verdades parciais; não como simples erros, pois cada uma delas não só foi, mas é, um passo necessário rumo à realização do desenvolvimento que é a filosofia. Cada sistema filosófico explica o mundo segundo um princípio particular, que deve ser distinguido e analisado. Quando um princípio se mostra insuficiente enquanto determinação última e absoluta, só se pode dizer que esta pretensão foi refutada, e não ele mesmo, pois ele permanece nos sistemas posteriores, uma vez que “está na natureza do processo total que a filosofia mais desenvolvida do tempo posterior seja realmente o resultado das operações anteriores do espírito pensante”¹⁹. Assim, da mesma forma que cada categoria tem um lugar no sistema da lógica-especulativa, também cada sistema de filosofia tem o seu lugar no desenvolvimento histórico da filosofia, é “um elo na grande cadeia do desenvolvimento espiritual”²⁰. Os princípios dos primeiros sistemas são mais pobres e abstratos, neles a Ideia é menos determinada; os últimos, mais ricos e concretos, na medida em que espelham cada vez mais a totalidade da história e a verdade concreta. As várias posições filosóficas não são, portanto, meros pensamentos acidentais, mas são a manifestação das determinações contidas na Ideia Absoluta na existência temporal, e são efetivas justamente por terem esta totalidade como referência. Por esse motivo

não devemos considerar a história da filosofia como lidando com o passado, ainda que se trate de história. O conteúdo desta história são os produtos científicos da razão, e não fazem parte

¹⁸ Hegel, Enc., v. 3, p. 360 (§573).

¹⁹ Hegel, HF, v. 1, p. 42.

²⁰ Ibid., p. 45-6.

do passado. O que é obtido neste campo de trabalho é a verdade, e, como tal, o eterno.²¹

Assim, embora a História da Filosofia, ao representar o desenvolvimento desta sob a figura de uma história exterior, possa passar a impressão de que a sucessão dos sistemas e seus respectivos princípios seja contingente, ela na verdade é delineada pelo “artesão desse trabalho de milênios [que] é o espírito vivo e *uno*, cuja natureza pensante é trazer à sua consciência o *que ele é*”²². Desta forma, o desenvolvimento da filosofia na externalidade histórica revela a mesma Ideia expressa na *Lógica*: “O mesmo desenvolvimento do pensar, que é exposto na história da filosofia, expõe-se na própria filosofia, mas liberto da exterioridade histórica – *puramente no elemento do pensar*.”²³ A *Lógica* expressa a Ideia em si e para si, já a história da filosofia, enquanto pertencente à esfera da *Filosofia do Espírito*, expressa a Ideia enquanto retorna a si mesma a partir de seu ser-outro. Como é a mesma Ideia que se desenvolve, ora no puro pensar, ora no ser-outro da externalidade histórica, há um paralelismo ou uma correspondência entre as duas esferas:

Em referência a esta ideia, mantenho que a sucessão dos sistemas da filosofia na história é similar à sucessão das determinações conceituais na dedução lógica na Ideia. Afirmando que se os conceitos fundamentais dos sistemas que aparecem na história da filosofia forem inteiramente despojados do que diz respeito à sua forma externa, sua relação ao particular e afins, obtemos os vários estágios de determinação da ideia em seu conceito lógico. Inversamente, na progressão lógica tomada por si, enquanto consideramos seus momentos fundamentais, está a progressão das manifestações históricas; mas é necessário saber identificar estes conceitos para saber o que está contido nas formas históricas. Poder-se-ia pensar que a filosofia devesse seguir outra ordem que aquela com que estes conceitos se manifestam no tempo; mas em seu conjunto, a ordem é a mesma. É certo, entretanto, que sob um aspecto a sucessão histórica no tempo se distingue da sucessão dos conceitos. Apenas observo isto: que o que foi dito revela que o estudo da história da filosofia é o estudo da filosofia mesma, e não pode ser de outro modo.²⁴

Fica claro, portanto, que a verdadeira História da Filosofia necessariamente espelha a filosofia verdadeira, ainda que imperfeitamente, por

²¹ Ibid., p. 38-39.

²² Hegel, Enc., v. 1, p. 54 (§13).

²³ Ibid., p. 55 (§14).

²⁴ Hegel, HF, v. 1, p., 30.

haver algum aspecto que impeça que esta correspondência seja linear e “um-para-um”²⁵. A história da filosofia, para produzir a “verdade do elemento lógico que manifesta a si como elemento espiritual”²⁶, deve ser liberta da exterioridade histórica e despojada da forma externa. Distinguem-se, portanto, dois lados, um conceitual e outro histórico, sendo o último subordinado do primeiro, pois a história, enquanto externa, carrega um elemento impuro, inefetivo e meramente contingente que deve ser abandonado, enquanto na *Lógica* o desenvolvimento conceitual ocorre no elemento do puro pensar e livre de qualquer resistência.

A resolução do dilema da história se dá, assim, com a concepção de que a verdade se concretiza ao manifestar-se na história com o ímpeto de se desenvolver segundo a necessidade da Ideia.

A primeira consequência que se segue do que foi dito é que a totalidade da história da filosofia é uma progressão necessária, racional e determinada por sua ideia; e isto a história da filosofia deve exemplificar. A contingência (*Zufälligkeit*) deve ser abandonada ao se entrar na filosofia.²⁷

É a logicidade da Ideia plenamente desenvolvida na esfera conceitual que justifica a racionalidade da história. Portanto o segundo requisito imposto à filosofia, segundo o qual ela deve estar de acordo com a experiência, pressupõe e é subordinado do primeiro, que ela seja autojustificada. Pois é quando seu movimento circular “encontra-se já realizado ao apreender na conclusão o seu próprio conceito, isto é, só *olha para trás* na direção do seu saber”²⁸, que se torna capaz de discernir, em meio à externalidade histórica, os eventos que são historicamente relevantes por explicitarem a necessidade do seu desenvolvimento, ou o que é “só *fenômeno*, é transitório e insignificante – e o que em si verdadeiramente merece o nome de *efetividade*”²⁹. Uma vez que a razão em si tenha se reconciliado com a razão que existe na experiência efetiva, essa concordância deve converter a sua história em um argumento favorável, e não contrário, à verdade da Filosofia, e superar, assim, o ceticismo frente à diversidade das filosofias.

²⁵ Cf. Nuzzo, 2003.

²⁶ Hegel, Enc., v. 3, p. 363 (§574).

²⁷ Hegel, HF, v. 1, p. 36.

²⁸ Hegel, Enc., v. 3, p. 352 (§573).

²⁹ Hegel, Enc., v. 1, p. 44 (§ 6).

Com suas considerações Hegel não apenas colaborou para que a História da Filosofia se firmasse como um campo de estudo independente, mas Höslé³⁰ o classifica como o primeiro grande filósofo que, como um historiador original, ofereceu uma visão global da história da filosofia que corroborasse a sua própria teoria filosófica, e resumiu a leitura hegeliana da história em cinco teses fundamentais. São elas: 1) a história só pode ser abordada desde uma filosofia sistemática; 2) há necessidade no processo histórico, ao menos em suas estruturas principais ele não poderia ter se desenvolvido diferentemente; 3) o espírito absoluto é a substância que dá inteligibilidade ao desenvolvimento de uma posição filosófica à outra; 4) a Ideia Absoluta é concreta, e os vários momentos da sua estrutura dialética são a base dos vários sistemas filosóficos; 5) há uma correspondência entre categorias da lógica especulativa e os principais sistemas da história da filosofia.

Embora tenha considerado que a leitura hegeliana da história seja muito meritosa e configure o mais importante modelo de como a posteridade deve tratar a História, Höslé admite que certos aspectos dela deveriam ser deixados de lado ou, pelo menos, modificados, em especial a última tese, classificou como “obviamente indefensável” e uma infelicidade que contribuiu para o descrédito da filosofia de Hegel.³¹ Como o puro pensar se determina progressivamente através da superação de categorias iniciais em categorias posteriores, a tese de que o desenvolvimento das diversas filosofias na história corresponda ao sistema categorial previamente desenvolvido na *Lógica* pode ser interpretada de modo a justificar que se considere *a priori* que toda filosofia anterior é falsa e que sua verdade é inversamente proporcional à sua idade. Neste caso é difícil acreditar que se esteja fazendo justiça aos sistemas filosóficos, e Hegel, antecipando críticas a este ponto, procurou se defender:

Isto não se trata, como à primeira vista poderia parecer, de mero orgulho da filosofia do nosso tempo, pois está na natureza do processo total que a filosofia mais desenvolvida do tempo posterior seja realmente o resultado das operações anteriores do espírito pensante.³²

³⁰ Cf. Höslé, 2003, p. 186.

³¹ *Ibid.*, p. 192.

³² Hegel, HF, v. 1, p. 42.

Mas esta defesa por vezes não se fez convincente. Luft define uma leitura dogmática da história como uma que se baseia na crença em se ter descoberto “um padrão universal invariante subjacente aos eventos históricos a partir dos quais eles tornar-se-iam legíveis ao intérprete, ganhando um sentido incondicionado”;³³ e a Ideia hegeliana poderia ser vista como cumprindo o papel de um tal padrão subjacente à história em uma leitura dogmática. Hösle argumenta³⁴ ainda que o radical afastamento da filosofia pós-hegeliana em relação ao projeto originalmente defendido por Hegel serve de refutação à tese de predefinição *a priori* do progresso da história, conferindo-lhe um caráter arbitrário que converteria a leitura hegeliana da história num relativismo.

Embora potencialmente controversa, esta tese hegeliana revela que a *Lógica* possui um aspecto fundamental de releitura e crítica dos diversos sistemas filosóficos e, portanto, o vínculo essencial dela com a história da filosofia. Se a filosofia mais recente contém os princípios de toda as anteriores,³⁵ a *Lógica* deve conter os princípios de toda a tradição filosófica; e, como a sequência dos estágios de determinação da Ideia lógica corresponde, ainda que imperfeitamente, à sequência de sistemas de filosofia na história, o exame de cada categoria lógica contém um diálogo com as filosofias cujos princípios fundamentais correspondam à categoria em questão. Mas, como Hegel entende a lógica especulativa como o automovimento do conceito através de sua dialética interior, raramente cita nominalmente outros filósofos³⁶, e a maior parte deste diálogo fica apenas implícita. A sua explicitação pode, contudo, representar um importante complemento para a compreensão das categorias da *Lógica*.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A lógica especulativa hegeliana, a ciência em que o pensamento busca pensar a si mesmo, deve tanto fornecer a sua própria justificação quanto concordar com a experiência e a efetividade. Para satisfazer a este segundo requisito foi proposta uma filosofia da história da filosofia segundo a qual a

³³ Luft, 2019, p. 88-89.

³⁴ Hösle, 2003, p. 192.

³⁵ Hegel, Enc., v. 1, p. 54 (§13): “A filosofia última no tempo é o resultado de todas as filosofias precedentes, e deve por isso conter o princípio de todas.”

³⁶ Cf. Kusch; Manninen, 1998, p. 115.

verdade alcançada pela lógica especulativa manifesta-se na história, superando assim o ceticismo frente à diversidade de sistemas filosóficos e convertendo a história em um argumento favorável, e não contrário, à verdade da filosofia como um todo. Uma vez constatado que, em meio à argumentação a este respeito, Hegel assumiu uma correspondência ou um paralelismo entre as categorias lógicas e os sistemas da história da filosofia, podemos ver o desenvolvimento de cada categoria da *Lógica* como contendo implicitamente um diálogo com os sistemas filosóficos que lhe sejam correspondentes.

REFERÊNCIAS

HEGEL, G. W. F. **Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio**: a ciência da lógica [Enc.]. v. 1 e 3. Tradução: Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 1995.

HEGEL, G. W. F. **Hegel's Lectures on the History of Philosophy [HF]**. v. 1. Tradução: E. S. Haldane; F. H. Simson. London: Routledge & Kegan Paul Ltd., 1955.

HÖSLE, V. Is There Progress in the History of Philosophy? *In*: DUQUETTE, D. A. **Hegel's History of Philosophy: New Interpretations**. Albany: State University of New York Press, 2003. p. 185-204.

KUSCH, M; MANNINEN, J. Hegel on Modalities and Monadology. *In*: KNUTTILA, S. **Modern Modalities: Studies of the History of Modal Theories from Medieval Nominalism to Logical Positivism**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1998. p. 109-177.

LUFT, E. Leituras da História. *In*: VALDÉRIO, F. *et al.* (org.). **Ceticismo, dialética e filosofia contemporânea**. São Paulo: ANPOF, 2019. p. 88-97.

NUZZO, A. Hegel's Method for a History of Philosophy: The Berlin Introductions to the Lectures on the History of Philosophy (1819-1831). *In*: DUQUETTE, D. A. **Hegel's History of Philosophy: New Interpretations**. Albany: State University of New York Press, 2003, p. 19-34.

THOMPSON, K. Systematicity and Experience: Hegel and the Function of the History of Philosophy. *In*: DUQUETTE, D. A. **Hegel's History of Philosophy: New Interpretations**. Albany: State University of New York Press, 2003. p. 167-184.

DADOS DO AUTOR

Carlo Paim Peralta

Possui graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Áreas de interesse em Medicina Veterinária: medicina de felinos domésticos, clínica de pequenos animais, anestesiologia. Áreas de interesse em Filosofia: metafísica, idealismo, dialética. E-mail: carlopaimperalta@gmail.com